

O NEGRO “PRONTO”: DA REVISÃO LITERÁRIA À CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO LEITOR NA POESIA DE CUTI.

Jaciara Santos Nascimento¹

Sayonara Oliveira Amaral²

Resumo: Com uma poesia voltada para questões sociais, sobretudo a discussão da condição do negro na sociedade, Luiz Silva, mais conhecido como Cuti, engendra um projeto literário que possa ressignificar a identidade negra no Brasil. Sabendo que por muito tempo a negritude tem sido representada de uma forma negativa na literatura brasileira e que a partir dessas representações temos a construção de um imaginário de subalternização, Cuti propõe uma crítica à visão ocidentalizada, trazendo novas possibilidades de se pensar o negro, tanto no interior da literatura quanto no campo mais expandido da cultura. Para tanto, o poeta produz textos que tendem a projetar um leitor que possa colocar em prática a proposta de sua literatura. Nesta comunicação, partindo da constatação da existência de um autor implícito aos textos, o qual controla e nunca abandona a sua obra, conforme discutido por Antoine Compagnon a partir da teoria da recepção de Wolfgang Iser, observamos que Cuti constrói seus textos como um artesanato que visa não apenas realizar um trabalho estético com as palavras, mas também um trabalho que tem como objetivo crucial a formulação de um leitor específico, o qual possa concretizar as sugestões implícitas em seus textos. Da trama articulada pelo poeta em sua escrita, identificamos nesse leitor a figura do “negro pronto” – um receptor capaz de decifrar e realizar as demandas do autor quanto à reavaliação da identidade negra subalternizada. O objetivo deste trabalho é, portanto, refletir sobre o modo como Cuti constrói um plano literário no qual o seu leitor é a principal peça de desejo no tabuleiro da escrita.

Palavras-chave: autor, leitor ideal, representação, identidade.

A partir da compreensão de que a escrita literária não é simplesmente fruto de uma ação espontânea ou “desinteressada” (BOURDIEU, 1996) e de que o seu autor é atravessado por várias demandas socioculturais que culminam principalmente na vontade de ser lido, podemos pensar que este mesmo autor é aquele que sempre irá refinar a sua criação com o objetivo cravado no seu possível leitor, a fim de comunicá-

¹ Mestranda em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB). E-mail. jaciara.ns@hotmail.com

² Professora da Universidade do Estado da Bahia. Docente Permanente no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB). E-mail. sayo22@terra.com.br

lo o desejo do seu texto. Diante dessa perspectiva de análise, como pensar as figuras do autor e do leitor na escrita? É possível que um autor, no momento da produção textual, não idealize o seu leitor? Será que o autor, ao idealizar a figura do leitor, estará recusando a sua própria sentença de morte, em desobediência ao que anunciava Roland Barthes (2004, p. 65) quando afirmou que “o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do autor”?

No texto “O leitor”, Antoine Compagnon, ao discutir a teoria da recepção de Wolfgang Iser, afirma que, segundo Iser, todo texto traz as instruções implícitas de como deve ser lido, as quais são veiculadas por um autor implícito, construído na textualidade do escrito (a voz que fala no escrito) e direcionadas a um leitor também implícito, idealizado na virtualidade do texto. O autor implícito, produzido pelo escritor ou autor real no momento da sua escrita, orienta os caminhos da leitura a serem percorridos pelo leitor implícito ou idealizado. Este último, por sua vez, constitui o “papel” a ser assumido pelo leitor real ou sujeito empírico que se debruça sobre o texto.

O leitor implícito propõe um modelo ao leitor real; define um ponto de vista que permite ao leitor real compor o sentido do texto. (...) Assim, o leitor é percebido simultaneamente como estrutura textual (o leitor implícito) e como ato estruturado (leitura real) (COMPAGNON, 2003, p. 151).

Embora nunca tenha a certeza de como o seu texto será lido ou recebido de fato pelo público, o escritor constrói, através das palavras, o caminho virtual que planeja para a leitura do que produz. E assim, a sua presença nunca deixa totalmente a sua obra, tornando-se impossível a sua morte ou desaparecimento. O escritor é como que um artesão a moldar tanto a si mesmo, a voz que fala no texto, quanto o seu leitor, o sujeito que se põe na escuta dessa voz. Dessa modelagem, espera-se o nascimento de um pacto, de uma fusão que ultrapasse a virtualidade do texto para se inscrever no campo expandido da cultura, envolvendo o escritor e o leitor empíricos, reais, na concretização de um projeto literário.

É justamente a partir dessa trama entre autor e leitor que vamos desenrolar a discussão aqui proposta, demonstrando como o poeta Luiz Silva, mais conhecido como Cuti, tende a sustentar uma escrita que idealiza e constrói a identidade do seu leitor, a partir de uma nova representação literária do sujeito negro brasileiro.

A representação dos sujeitos em narrativas ou textos diversos se configura como uma produção imposta pelas camadas hegemônicas da sociedade. Nesse sentido, torna-

se fundamental indagar pelo lugar de fala, pela importância de quem fala e, principalmente, pela legitimidade do discurso nesses textos. Sabemos que a representação identitária, dentro da literatura brasileira, constitui-se como um espaço de construção imaginária que tende a congelar o sujeito que é narrado sempre pelo olhar de um outro. No texto *Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea*, Regina Dalcastagné (2012) afirma a necessidade de se problematizar tanto aquele que representa o outro quanto este outro que é representado nas narrativas brasileiras:

Quando entendemos a literatura como uma forma de representação, espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecrocavam, não podemos deixar de indagar quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que seu silêncio esconde (DALCASTAGNÉ, 2012, p.33).

Situando a discussão na questão étnica, por exemplo, podemos observar a construção de uma literatura brasileira colonial, escrita por homens brancos, que estava pautada basicamente na idealização da figura índio para a construção de uma nacionalidade. No que tange à representação do negro, podemos notar a presença de narrativas que tendem a colocá-lo em uma posição de inferioridade, ou seja, na literatura brasileira, o negro estava fadado a ocupar um espaço de eterna subalternização. No texto *literatura negro-brasileira: um panorama*, o escritor Luiz Silva (2015), afirma o seguinte:

Contos, crônicas, romances e mesmo poemas tendem a manter a personagem negra congelada na posição subalterna e sem importância no contexto ficcional, como personagens planas e estáticas, portanto sem subjetividade profunda e sem mobilidade em qualquer sentido. (LUIZ SILVA, 2015,p.38)

O tratamento atribuído ao negro na literatura brasileira deve ser encarado como uma estratégia utilizada por aqueles que estão no poder para provocar a transposição do papel do negro no âmbito literário para a realidade. Em outras palavras, podemos afirmar que a atitude de inferiorizar o negro na ficção correspondia a um desejo de mantê-lo na zona de subalternidade também na vida real. Ainda nas palavras de Cuti, “quando não se espera o sucesso de alguém, estamos a meio passo para não querer este sucesso, e, sim, o contrário.” (LUIZ SILVA, 2015 p. 38). Sendo um ato extremamente político, falar em nome do outro – neste caso, o negro – é uma ação autoritária que

impõe a esse outro um lugar legitimado por parte daquele que fala e que consequentemente ocupa um espaço de poder.

Se aquele que discursa em nome do outro exerce uma função política, podemos situar tal função no âmbito da “função autor”, discutida por Foucault (1969) , quando este afirma que a figura do autor representa um conjunto discursivo que é legitimado no interior de uma sociedade, de uma cultura. Podemos afirmar que, estando há muito tempo sob o controle da classe dominante, a “possibilidade” discursiva no Brasil contribuiu decisivamente para o silenciamento do negro, o qual era classificado como inferior e tido, consequentemente, como incapaz de narrar a sua própria história – incapaz de exercer a sua própria função como autor. Desautorizada, a experiência literária da população afrobrasileira ficou muito tempo relegada a figurar o imaginário criado pela sociedade branca e burguesa. Cuti reflete sobre essa questão, ao tratar da relação do leitor negro com os textos canônicos da literatura brasileira:

A relação leitor/texto/autor, na Literatura Brasileira, implica quase sempre a invisibilidade do leitor negro. É, como no contexto social o foi por muito tempo, desconsiderado enquanto cidadão. A experiência do leitor negro, ante o grande espectro da literatura nacional, é a mesma de quem estivesse ouvindo uma conversa entre brancos, atrás da porta, do lado de fora. E só encontra uma saída: abstrair-se de sua concretude e admitir, em si, o branco, enquanto autor, personagem principal e destinatário do discurso. Não se constitui em “leitor ideal” para os escritores brancos e mesmo os mestiços ou negros, inclusive a maioria dos modernos. (LUIZ SILVA, 2002)

Dando um salto histórico e parando nas discussões empreendidas pelos estudos culturais da atualidade, podemos observar uma possibilidade de questionamento das produções hegemônicas enquanto supremas e únicas. Tal fato permite a abertura para que as produções antes desprestigiadas possam ser vistas como legítimas na representação das demandas de outros grupos sociais. A partir dessas novas possibilidades discursivas, é possível observar uma sensível mudança quanto à visibilidade dos sujeitos que produzem o discurso autoral e também com relação às perspectivas de representação do negro no Brasil. E assim assistimos ao aparecimento de autoras e autores negros que agem como (des)construtores dos discursos que colocam a população afro-brasileira na posição de inferioridade. Tomando a escrita como um ato político, esses autores(as) vislumbram quebrar a marteladas os discursos estereotipados sobre o negro no Brasil, a fim de escrever uma história que represente o

sujeito negro a partir de outras perspectivas, para muito além da ótica racista do branco.

Segundo Cuti,

Embaralhar estas relações, desconstruindo seu automatismo, é uma tarefa primordial do escritor...A literatura negro brasileira é a que muda a posição das peças o tabuleiro e cria novas relações, dando voz a quem não tem, silenciando quem sempre teve o domínio da palavra, inclusive alterando a própria ideia cristalizada do que é um escritor... (LUIZ SILVA,2015)

É justamente a partir dessa emergência da voz silenciada pelo discurso dominante que podemos identificar a literatura negra produzida por Cuti. Trata-se de uma escrita interessada em reverter os discursos literários produzidos através da ótica ocidental. Cuti se propõe a revisar as narrativas construídas em desprestígio do negro, atentando para os perigos de uma história única e sinalizando e para os usos alternativos que podem ser feitos das histórias tidas como subalternas, tal como declara Chimamanda Adichie:

Histórias tem sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. (ADICHIE,2009)

Consciente de que a literatura é capaz de edificar a identidade do povo negro, Cuti cria então uma expectativa sobre o seu leitor, com o intuito de formá-lo rumo a essa identidade. Na condição de escritor, ele engendra um projeto literário que toma o leitor como principal peça de desejo no tabuleiro da escrita. Se todo autor escreve para ser lido, como dissemos no início da nossa reflexão, fica evidente, com Iser e Compagnon, que o autor idealiza aquele que o irá ler, a ponto de querer deixá-lo apto a decifrar e realizar os desejos vigentes na sua escrita. Como também afirma Umberto Eco, o artista visa “formar um futuro leitor particular, capaz de entendê-lo e saboreá-lo” e, para tanto, orchestra “a sua obra como um sistema de instruções para um leitor modelo que estivesse em condições de compreendê-lo, apreciá-lo e amá-lo” (ECO, 1989, p. 100). Situando a sua poesia como uma espécie de manual de como realizar os seus desejos enquanto escritor, Cuti cria poemas que revelam abertamente suas expectativas em relação ao leitor. Essa atitude pode ser notada no poema intitulado “Ela”, conforme os trechos transcritos abaixo:

ELA

A minha poesia
Sou eu que me desnudo
me descubro
(...)

A minha poesia
Sou eu rio que deságua
Nos teus olhos parados.
(...)

A minha poesia
Sou eu-fome-de-muitos
Punhos punhais
Sombras fatais
E a esperança do mundo
no sangue vivo
das palavras.
(...)

A minha poesia
Sou eu-pó
Sendo pulverizado
Sou eu -só
Desatando o nó
Que nos prende no descuido
E nos vitima no racismo astuto.

A minha poesia
(...)
vem dizer revendo
Que o ressentimento
É sinal de cura
(...)
(CUTI, 2010 p. 21)

No poema citado, podemos perceber que o autor a todo instante diz qual a finalidade da sua poesia. Deixando evidente que o texto se configura como seu desejo mais íntimo “ A minha poesia /sou eu que me desnudo/ me descubro...”, o autor revela que não existe uma motivação espontânea na sua escrita e sim um trabalho estético que visa provocar um efeito no leitor “ / a minha poesia/ sou eu rio que deságua/nos teus olhos parados. No decorrer do texto, nota-se que o autor manipula as palavras para que elas tenham a força da sua presença, garantindo o cumprimento de suas palavras.

Os versos do poema deixam transparecer a expectativa que o autor tem em relação ao leitor do seu poema. Sempre através do diálogo do sujeito lírico com o seu leitor ou receptor, Cuti explicita diretamente o intuito do seu texto. A escrita do poeta se configura como uma extensão do seu corpo e, portanto, dos seus desejos. Em cada

estrofe, ele traz o objetivo do texto, que é o de chamar o leitor para repensar o que é ser negro e, conseqüentemente, compreender a sua identidade. Outro dado importante que pode ser notado no poema é a circulação de um discurso feito por um negro para negros, e um discurso que fala das especificidades vividas por negros. Girando em torno da temática negra, essa articulação entre emissor, receptor e mensagem é fundamental para deflagrar o lugar do leitor negro, o qual, segundo Cuti, não é levado em consideração no campo da literatura até que:

o escritor, sendo negro que escreve sem renegar sua experiência subjetivo-racial, eleja-o em seu ato de criação. Nasce o interlocutor negro do texto emitido pelo “eu” negro, num diálogo que põe na estranheza, na condição de ausente, o leitor “branco”. Afinal, a literatura é a grande possibilidade de se estar no lugar do outro e aprender-lhe AP dimensão humana. (CUTI, 2002,p. 23)

Com o intuito de (re)construir a dimensão humana da população negra, Cuti segue demonstrando em seus poemas as formas em que o racismo aparece e degrada a imagem do negro no Brasil. A partir da exposição do discurso utilizado para ferir a dignidade do negro, o autor extrai e (re)cria uma nova narrativa que vise corrigir simbolicamente o teor racista. Esse gesto pode ser observado no poema “Cravos Vitais”, que irá tratar justamente de um dos primeiros traumas enfrentados pela população negra: a escravização. O poema é transcrito a seguir:

CRAVOS VITAIS

escrevo a palavra
 escravo
e cravo sem medo
o termo escravizado
em parte do meu passado
criei com meu sangue meus quilombos
crivei de liberdade o bucho da morte
e cravei para sempre em meu presente
 a crença na vida.
(CUTI, 2010, p.38)

No poema, o autor exhibe a necessidade de retomar a realidade histórica da população negra, o que pode ser observado com a utilização do termo escravo. Porém, Cuti irá demonstrar que é possível fazer uma revisão literária acerca do que é dito sobre a escravidão, ao empregar o termo escravo em uma lógica diferente daquela que foi

tradicionalmente instituída pela história ocidental. Nessa perspectiva, nota-se que, através da manipulação textual e com a utilização de recursos estéticos, o poeta vislumbra um único objetivo: fazer com que o seu leitor entenda a escravidão como um elemento que faz parte de sua história, uma vez que o “evento” da escravidão ainda causa prejuízos à população negra. Porém há uma subversão de sentidos, pois se nas narrativas hegemônicas a palavra escravo era um rótulo de dor e sofrimento, no poema essa mesma palavra se transforma em uma fonte de vida e numa motivação de luta.

Sendo uma espécie de convocação para que o leitor transforme o passado de aflição em uma ferramenta de cura, a qual possibilite um gostar-se enquanto negro, Cuti segue projetando, idealizando o seu interlocutor negro, a fim de despertar nele outra postura em relação aos discursos oficiais que tratam da história do negro no Brasil. É o que podemos também encontrar neste outro poema:

ATÉ LÁ AQUI

Além
Além do que nos dão na escola
Procura procura procura
A nossa cultura
Pró-cura.
(...)
Além das formas de esmola
Exija,exija,exija
(...)
Alem
Além dessas palavras
Vá
Vá
Reme comigo já pró-cura
Vá e nos encontraremos lá
Desde já.

(CUTI, 1978,p.40)

Em todo o texto, Cuti planeja, minuciosamente, o que ele deseja do seu leitor. Como um mestre que escreve uma carta de instruções a ser seguida, o autor exige que o seu receptor comece a adotar uma nova postura no que tange ao questionamento do lugar que o negro ocupada nos discursos oficiais. A partir do uso constante de verbos no imperativo – “Procura” e “Exija” –, o poeta ordena que seu leitor tenha uma postura mais crítica e possa seguir forjando uma nova identidade para a população negra. Apostando todas as fichas no seu receptor, Cuti exige que este vá à “pró-cura” de outras verdades que possam neutralizar as práticas racistas que tanto inferiorizam os negros.

Essas verdades, uma vez encontradas, significarão a cura para os males do racismo – interpretação que se denuncia pelo jogo enfático de palavras entre os termos “procura” e “cura”.

Como podemos perceber, a literatura escrita por Cuti surge como uma espécie de reação às representações que tendem a cristalizar o negro num espaço de subalternidade. A partir da sua escrita, o autor trabalha na construção de uma outra representação do negro em narrativas literárias, com o intuito de concluir seu projeto final, que é a transformação do seu receptor em um “negro pronto”, como pode ser visto no poema abaixo:

SUMO

O negro pronto
Está se fazendo sempre
Ponto por ponto
Atento
Contra o jogo da humilhação
E do cansaço
Chegando a ficar tonto de tanta lucidez
[...]
Mergulha de vez
No sumo de ser-se
No coração do outro
[...]
O negro pronto
Está se fazendo sempre
Ponto por ponto
Na decifração das marcas
Transpirando um povo
(CUTI, 2010,p. 39)

Neste poema, podemos perceber a concretização do ideal de leitor pensado pelo poeta. O negro “pronto”, como sugere o autor, é o negro lúcido diante de sua identidade étnico-racial, capaz de reconhecer e combater as práticas racistas. Sendo a materialização da vontade explícita em seus poemas, o negro pronto é aquele que se constrói “ponto por ponto”, ou seja, constrói-se como os próprios pontos que compõem uma narrativa, a qual está sempre a ser construída pela mão de cada autor. Nesse sentido, o leitor ideal almejado por Cuti não se constitui de forma isolada e sim na sua interação continua com o projeto do autor.

A partir dessa concepção, a relação entre autor e leitor, construída por Cuti, torna inconcebível a morte da figura autoral, idealizada por Rolanda Barthes (2004)

quando este critica a soberania do autor sobre o texto que escreve – o autor tradicionalmente entendido como a origem ou fonte do seu texto e, portanto, único detentor do sentido aí veiculado. De acordo com o pensamento de Barthes, seria necessário que este autor “tirano” se retirasse da cena da escritura para que o leitor pudesse emergir em sua liberdade. Sem pretender restituir o império do autor enquanto autoridade máxima sobre os seus escritos, Cuti trabalha a autoria numa outra perspectiva, tomando-a como um reservatório de saber sem o qual seria impossível à identidade negra resistir às constantes investidas desumanizadoras lançadas pelas narrativas racistas hegemônicas. E é esse saber que deve ser partilhado no trânsito entre o autor implícito e o seu interlocutor, ambos projetados nos poemas.

Na poesia de Cuti, autor e leitor são como faces de uma mesma moeda, fazendo parte de um projeto de literatura e de vida que deve se escrever em conjunto – “na decifração das marcas/transpirando um povo”, conforme dito nos versos do poema acima transcrito. Daí que o negro pronto do poema não esteja de fato definitivamente “pronto”, isto é: acabado ou finalizado. E é justamente porque ele nunca termina de se construir que o negro pronto torna-se mais difícil de ser idealizado pela ótica ocidental que o pretenda tomar como matéria para a composição de estereótipos racistas. Como parte de um projeto propositalmente inacabado, o “negro pronto” estará sempre à frente de qualquer possibilidade de aprisionamento simbólico, pois ele se fortalece justamente no acúmulo de cada escrito que não lhe permitiu se deixar aprisionar. O negro pronto, idealizado por Cuti, é aquele vem para “des-idealizar” a figura do negro rendido aos discursos de opressão, inscrevendo-se nas mentes dos leitores empíricos ou reais a fim de lhes mostrar como as representações literárias sobre o negro podem trazer dignidade à vida.

Referências

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**, 2009. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/o-perigo-de-uma-historia-unica-por-chimamanda-adichie>. Acesso em 30 mai 2017.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. São Paulo: Papirus, 1996.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CUTI. **Negroesia: antologia poética**. Belo Horizonte, Mazza, 2010.

CUTI. Poemas de Carapinha . Ed: Autor, 1978.

CUTI (LUIZ SILVA), Literatura negro-brasileira: um panorama. In MACHADO, Rodrigo (org.). **Panorama da Literatura negra ibero-americana**, Curitiba, Imprensa UFPR, 2015, p. 35-54.

CUTI. Leitor na expectativa literária afro-brasileira In: FONSCECA, Maria Nazareth Soares & FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna (ORG.) **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Mazza-PUC Minas, 2002.

DALCASTAGNÈ, Regina. Representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. **Revista de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, n. 20, p. 33-87, jul/ago. 2012. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9705/1/ARTIGO_UmaVozSol.pdf

ECO, Umberto. O texto, o prazer, o consumo. In **sobre espelhos e outros ensaios**. Tradução de Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira , 1989.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor?. In: _____. Ditos e escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema. Tradução de Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2011.